



IDADE MATERNA AVANÇADA EM GESTAÇÕES E RISCOS OBSTÉTRICOS E PERINATAIS

 <https://doi.org/10.56238/levv15n43-062>

Data de submissão: 18/11/2024

Data de publicação: 18/12/2024

Ivani Pose Martins

Doutora em Ciências dos Alimentos
UNIFOR-MG
E-mail: ivani@unifor.br

Alessandra Campos Silva

Graduanda em Enfermagem
UNIFOR-MG

Polliana Lucio Lacerda Pinheiro

Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local
UNIFOR-MG

Luciana Soares Rodrigues

Doutora em Ciências da Saúde
UNIFOR-MG

José Carlos Leal

Doutor em Ciências da Saúde
UNIFOR-MG

Fabíola Hussein Arantes Alejandro

Médica Radiologista
FMP-RJ

RESUMO

A gravidez em idade materna avançada (≥ 35 anos) é um fenômeno crescente, motivado por mudanças sociais, como a busca feminina por estabilidade profissional e emocional. Apesar de trazer benefícios, como maior preparo financeiro, está associada a riscos obstétricos e perinatais. Este estudo objetivou identificar as principais complicações relacionadas a gestações em mulheres acima de 35 anos e destacar cuidados pré-natais para reduzir tais riscos. Realizou-se uma revisão sistemática qualitativa seguindo os critérios PRISMA, analisando 20 artigos publicados entre 2019 e 2024 nas bases Lilacs e Scielo. Os dados destacaram condições como hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, pré-eclâmpsia, partos prematuros e altas taxas de cesariana. Neonatalmente, identificaram-se prematuridade, baixo peso ao nascer e mortalidade perinatal. Entre os resultados, a hipertensão gestacional foi prevalente, atingindo cerca de 24% das gestantes, com forte associação a desfechos adversos. Diabetes gestacional, observado em até 25% das mulheres, eleva riscos de macrosomia fetal e complicações neonatais. Partos prematuros, registrados em até 18% dos casos, correlacionam-se a morbidade neonatal elevada, enquanto as taxas de cesáreas excedem 60%. Complicações psicossociais também emergiram, incluindo maior ansiedade e estresse materno. Conclui-se que a gravidez tardia



exige um pré-natal intensivo, com monitoramento contínuo de condições de risco e suporte emocional às gestantes. Políticas públicas que ampliem o acesso ao pré-natal especializado e promovam a conscientização sobre os riscos dessa condição são cruciais. A integração de equipes multidisciplinares pode melhorar significativamente os desfechos maternos e neonatais, reduzindo complicações associadas a gestações tardias.

Palavras-chave: Cuidado Pré-Natal. Gestantes. Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a sociedade tem vivenciado mudanças significativas em diversos aspectos, especialmente no que diz respeito ao papel da mulher. A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, a busca pela realização profissional e a consolidação de uma estabilidade financeira têm contribuído para o fenômeno do adiamento da maternidade. Este movimento, que antes era restrito a nichos específicos, hoje é uma realidade globalmente observada, principalmente nos países industrializados e em desenvolvimento, incluindo o Brasil (Tibes-Cherman et al., 2021; Oliveira et al., 2020). O aumento do acesso à educação, as oportunidades profissionais e os avanços nas técnicas de reprodução assistida também são fatores determinantes para essa mudança (Fortuna et al., 2022; Martins & Menezes, 2022).

A gravidez em idade materna avançada, definida como a gestação ocorrida em mulheres com 35 anos ou mais, é um fenômeno crescente. Entretanto, embora traga consigo vantagens como maior preparo emocional e estabilidade financeira, também está associada a uma série de complicações obstétricas que afetam tanto a mãe quanto o feto (Kalil et al., 2024). Entre os principais riscos estão a hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, pré-eclâmpsia, maior probabilidade de partos prematuros e cesáreos, além de complicações neonatais, como baixo peso ao nascer e mortalidade perinatal (Silva et al., 2019; Albertine; Pereira, 2019; Matos et al., 2021).

As complicações decorrentes da idade materna avançada têm sido objeto de crescente atenção na literatura científica. Estudos destacam que mulheres com mais de 35 anos têm maior propensão a desenvolver doenças crônicas como hipertensão e diabetes gestacional, além de enfrentarem um risco elevado de complicações como abortos espontâneos e malformações congênitas, incluindo a síndrome de Down (Kalil et al., 2024; Gomes & Domingueti, 2021). A senilidade ovariana e a diminuição da fertilidade natural também são fatores que contribuem para o aumento dos riscos nessa faixa etária, bem como para a maior dependência de tecnologias de reprodução assistida, que, apesar de eficazes, não eliminam os riscos associados à gravidez tardia (Martins & Menezes, 2022; Marinho et al., 2023).

Diante desse cenário, o acompanhamento médico rigoroso e contínuo torna-se essencial para minimizar os riscos e assegurar desfechos mais favoráveis. A literatura enfatiza a importância de um pré-natal intensivo e adaptado às particularidades da gravidez em idade avançada, com enfoque na detecção precoce de fatores de risco e no manejo adequado das condições associadas, como hipertensão, diabetes e obesidade (Silva et al., 2019; Matos et al., 2021). Além disso, o planejamento familiar e a conscientização das mulheres sobre os riscos da gravidez tardia têm se mostrado essenciais para reduzir as taxas de complicações graves e promover a saúde materna e infantil (Tavares et al., 2022; Albertine; Pereira, 2019).

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo verificar a prevalência das principais complicações associadas à gravidez em mulheres com idade materna avançada, oferecendo uma

análise abrangente dos fatores de risco mais comuns e das possíveis intervenções que podem ser realizadas para mitigar esses riscos. A relevância desta pesquisa reside na necessidade crescente de adaptação dos cuidados pré-natais para esse grupo de mulheres, especialmente considerando o aumento significativo do número de gestações em idades mais avançadas.

Com isso, o estudo busca contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre os desafios enfrentados por mulheres que optam pela maternidade em idades mais avançadas, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias que melhorem a qualidade do cuidado materno-infantil e reduzam as complicações associadas a esse tipo de gestação bem como para o desenvolvimento de práticas clínicas mais eficazes e para a formulação de políticas públicas que garantam o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa de revisão sistemática qualitativa, utilizando os passos descritos por Sampaio e Mancini (2007), com o objetivo de sintetizar e apresentar evidências sobre o cuidado pré-natal em gestantes. A revisão seguiu as diretrizes do Relatório Preferencial para Revisão Sistemática e Meta-Análise (PRISMA) para garantir rigor metodológico e transparência ao longo do processo de seleção e análise dos estudos incluídos.

A pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar estudos que discutem os cuidados pré-natais em gestantes, especialmente aqueles que envolvem complicações gestacionais. As bases de dados utilizadas foram Lilacs e Scielo, por concentrarem grande parte das publicações científicas na área da saúde, especialmente em países da América Latina e Caribe. A escolha dessas bases visou garantir a relevância e o acesso gratuito a fontes científicas de alta qualidade.

As buscas foram realizadas entre os meses de agosto a novembro de 2024. Os critérios de inclusão previamente estabelecidos abrangeram todos os estudos sobre o cuidado pré-natal de gestantes, publicados entre os anos de 2019 e 2024, redigidos em língua portuguesa, e com texto completo disponível. Os descritores em saúde (DeCS) utilizados foram: “gestação tardia” AND “pré-natal” AND “riscos”, aplicando-se filtros de busca como “texto completo” e “últimos 5 anos”.

Foram incluídos estudos que: discutem o cuidado pré-natal de gestantes; publicados em português entre 2019 e 2024; disponíveis em texto completo nas bases Lilacs e Scielo. Os critérios de exclusão contemplaram: estudos não relacionados diretamente ao tema de cuidados pré-natais; artigos que não estavam disponíveis em português ou cujo período de publicação fosse anterior a 2019.

A pesquisa de revisão sistemática qualitativa seguiu uma abordagem rigorosa e detalhada, com o objetivo de explorar as evidências sobre os cuidados pré-natais e suas implicações na saúde materno-fetal.

3 RESULTADOS

Foram recuperados 312 artigos sobre o tema. Utilizou-se como critério de exclusão, estudos não relacionados diretamente ao tema de cuidados pré-natais; artigos que não estavam disponíveis em português ou cujo período de publicação fosse anterior a 2019. Assim, foram selecionados 20 artigos cujos dados foram extraídos e analisados de forma descritiva, com foco nas intervenções e cuidados pré-natais discutidos em cada estudo.

A síntese dos 18 artigos revisados (Quadro 1), evidencia que a gravidez em idade materna avançada está associada a um conjunto complexo de fatores de risco, que incluem complicações obstétricas e neonatais, desafios psicossociais e culturais, além de um maior risco de condições genéticas no feto.

Quadro 1 – Artigos revisados:

AUTOR	ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS
Carvalho <i>et al.</i>	2024	Verificação da relação entre idade materna avançada e riscos durante a gravidez.	O estudo revelou a associação entre idade materna avançada e complicações relevantes durante a gravidez, tais como pré-eclâmpsia, diabetes gestacional, ocorrência de parto prematuro e do tipo cesárea, hemorragias e baixo peso do concepto ao nascer.
Kalil <i>et al.</i>	2024	Investigar, com base em evidências científicas, o impacto da idade materna avançada na gravidez e no parto. Identificar as principais complicações gestacionais associadas à idade materna avançada, como hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional e pré-eclâmpsia; examinar a associação entre a idade materna e a ocorrência de intercorrências durante a gestação.	Os estudos analisados confirmam que mulheres com idade materna avançada enfrentam um risco elevado de hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional e pré-eclâmpsia, além de apresentarem taxas mais altas de cesarianas e partos prematuros. Estes resultados reforçam a importância de um acompanhamento mais rigoroso e uma abordagem adaptada para gerir as gestações em mulheres mais velhas, visando minimizar riscos e promover melhores desfechos tanto para a mãe quanto para o bebê.
Bruno Neto <i>et al.</i>	2023	Relatar um caso de PE tardia, descrevendo as manifestações sistêmicas	A PE, tem etiologia silenciosa no puerpério por não ocasionar uma sintomatologia exuberante, salvo alguns casos que cursam como complicação da HAS, como foi a apresentação do edema agudo de pulmão da paciente do caso aqui informado. O diagnóstico se deu como fator de exclusão, sendo pertinente a consideração de outras entidades etiológicas mais comuns que cursam com surgimento de edema agudo pulmão na puerpera. Entretanto, tendo a mesma apresentado valores de exames laboratoriais normais, como hemograma, plaquetas e hepatograma – bem como normalidade de outros exames e ausência de outros sinais (crise convulsiva, eletrocardiograma normal, raios-X de tórax sem aumento de área cardíaca) –, a possibilidade da apresentação de outras entidades clínicas se faz comum, sendo a pré-eclâmpsia uma delas. Após a constatação de

			pressão arterial sistêmica elevada e pesquisa de proteinúria, a hipótese diagnóstica de PE tardia foi levantada, tendo sido ratificada após a paciente responder bem à terapêutica executada.
Gozo	2023	investigar o direito da mulher acima dos 35 anos ao planejamento familiar, uma vez que a partir dessa faixa etária o exercício do direito reprodutivo poderá trazer riscos à sua saúde e à do feto	Observou-se que o corpo da mulher a partir dos 35 anos de idade já não está mais tão apto à maternidade como o da mulher entre os 20 e 29 anos, idade considerada ideal para a procriação. Ao adiar a maternidade, pelos mais variados motivos, a mulher coloca-se frente a frente a uma gravidez de risco, em razão dos graves problemas de saúde que poderão ocorrer durante a gestação, fazendo com que essa gravidez seja considerada de alto-risco tanto para ela quanto para o bebê.
Marinho <i>et al.</i>	2023	Identificar na literatura fatores de risco mais frequentes que influenciam no desenvolvimento da Diabetes Mellitus Gestacional(DMG).	A maioria dos estudos incluídos foram na forma de ensaios clínicos e revisões de literatura, nos quais foram identificados pela busca geral nas bases de dados um total de n=107, após serem triados pelos títulos e resumos resultando n=18, passando pelo critério de elegibilidade, n= 13 e por fim sendo incluídos e discutidos um total de n=9 artigos.
Silveira <i>et al.</i>	2023	O presente trabalho tem o objetivo de explanar sobre as condições de predisposição, bem como as consequências decorrentes de complicações não acompanhadas e tratadas.	Os fatores de risco podem estar associados à idade, aos indicadores biofísicos relacionados à genética e cuidados com a saúde; indicadores psicossociais relacionados aos comportamentos da gestante; os sociodemográficos abordam temáticas sobre a falta de atendimento pré-natal, baixa renda, estado civil, raça e etnia, e os ambientais dizem respeito aos perigos encontrados no ambiente de vida e de trabalho.
Fortuna <i>et al.</i>	2022	Verificar como os fatores socioeconômicos e culturais interferem na vida reprodutiva das mulheres	56,9% das entrevistadas eram da rede privada e 43,1% da pública. Na renda salarial foi observado que, 46,7% das mulheres da rede privada recebiam de 5-20 salários mínimos enquanto nenhuma das usuárias da rede pública recebiam esse valor. Já sobre os motivos que levaram ao adiamento da gravidez, 72,6% queriam uma carreira acadêmica e/ou conquistar o sucesso profissional antes da maternidade, sendo dessas 55% tinham idade maior ou igual a 35 anos.
Martins; Menezes	2022	Identificar as concepções de risco presentes no que é denominado pela biomedicina como gestação em idade avançada	A análise documental em manuais médicos brasileiros e estrangeiros das especialidades obstetrícia e genética evidenciou diferentes concepções de risco em relação ao fator etário reprodutivo. A idade materna é um aspecto presente a obstetrícia enquanto fator de risco de doenças. Para a especialidade genética, a idade materna não é um fator central de risco reprodutivo. A pesquisa constatou que a classificação de uma idade materna ideal para gestar é relativa e suscetível a alterações, segundo o contexto sócio-histórico de cada sociedade.
Tavares <i>et al.</i>	2022	Identificar a experiência de mulheres ao vivenciarem uma gravidez tardia.	Observou-se que a maioria estava entre 35 a 40 anos (58%), casadas, pardas e ensino superior, entretanto, a gravidez tardia possibilitou

			<p>significados na vida destas mulheres, permeadas de sentimentos de satisfação pessoal, familiar, possibilitando maior segurança na relação com o companheiro, família e bebê.</p>
Aldrighi <i>et al.</i>	2021	<p>Analisar a associação entre complicações e idade materna avançada durante a gestação.</p>	<p>Avaliaram-se 1336 prontuários. As complicações HAS pré-gestacional, pré-eclâmpsia e DMG apresentaram maiores médias de idade materna. Mulheres acima de 40 anos apresentaram 1,06 vezes maior probabilidade de desenvolver pré-eclâmpsia e 1,33 vezes de desenvolver crescimento intrauterino restrito.</p>
Gomes; Domingueti	2021	<p>Abordar fatores pelos quais as mulheres têm escolhido adiar a maternidade e as dificuldades e consequências que isso pode resultar.</p>	<p>De acordo com os estudos encontrados, as mulheres têm adiado a gravidez por conseguir ampliar sua participação na sociedade e no mercado de trabalho associada à existência de mais recursos para controle da natalidade. A gestação após os 35 anos de idade é insegura para mulher e para o feto, pois esses podem sofrer complicações uma vez que a fertilidade da mulher começa a diminuir, aumentando a probabilidade de síndromes congênitas e macrossomias fetais, assim como é maior a possibilidade de a gestante desenvolver diabetes mellitus gestacional, hipertensão arterial gestacional e pré-eclâmpsia.</p>
Matos <i>et al.</i>	2021	<p>Identificar em publicações científicas no âmbito nacional e internacional sobre a gravidez de alto risco e suas complicações</p>	<p>Observaram-se que a gestação tardia e de alto risco se dá por conta do perfil de mulheres acima de 35 anos, com mais chances de complicações durante e após a gestação, na qual se deve um olhar mais crítico para prever e garantir uma gravidez saudável.</p> <p>Dentre as intercorrências clínicas e ou complicações entre as gestantes de alto risco citam-se: hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, infecções de trato urinário, trabalho de parto prematuro, hemorragias, eclâmpsia e pré-eclâmpsia.</p>
Tibes-Cherman <i>et al.</i>	2021	<p>Descrever o perfil clínico da gestante com idade igual ou superior a 35 anos em um município de tríplex fronteira.</p>	<p>No período ocorreram 2.605 partos de gestações tardias, a maioria era brasileira e multípara e o parto cirúrgico o mais realizado. Quanto ao pré-natal, a maioria realizou. As intercorrências gestacionais mais encontradas foram a hipertensão arterial, diabetes mellitus e a pré-eclâmpsia. O parto cirúrgico teve maior incidência para prematuridade, baixo peso e como desfecho neonatal, a unidade de terapia neonatal.</p>
Fernandes <i>et al.</i>	2020	<p>O objetivo desta revisão integrativa é responder a seguinte questão: “Quais as complicações relacionadas à gravidez tardia?” com base em estudos científicos aplicados a realidade, fazendo uso de confrontações e análise de artigos é notável que a gravidez tardia pode sim propiciar complicações.</p>	<p>Os resultados obtidos a partir da pergunta norteadora, apontam que complicações gestacionais tardias são recorrentes.</p>
Oliveira, Araújo; Ribeiro	2020	<p>Analisar a experiência da maternidade tardia (35+ anos) e as suas implicações na fase</p>	<p>Os resultados remetem para os riscos de saúde, distress emocional e julgamentos sociais da gestação tardia. Ao nível familiar destaca-se a</p>

		avançada de vida, nomeadamente nas trajetórias pessoais e familiares.	presença de desafios da sobreposição de etapas distintas do ciclo de vida (cuidar de filhos pequenos e adolescentes vs. gestão da meia-idade) e, hoje, da (in)capacidade de cuidar dos netos. Os filhos evidenciam preocupações com a prestação de cuidados dos pais, tarefa que por ocorrer precocemente nas suas trajetórias desenvolvimentais, se pauta por dificuldades acrescidas.
Barboza <i>et al.</i>	2019	O estudo objetivou analisar os riscos e consequências de uma gestação acima dos 35 anos.	O estudo dos artigos selecionados revelou associação entre idade materna avançada e maior risco de desenvolvimento de repercussões importantes, tanto à nível gestacional (pré-eclâmpsia, diabetes gestacional, abortamentos e cesárea), como materno (aumento da incidência de infecções, hemorragia puerperal e anemia) e perinatais (prematuridade, morte neonatal e morte fetal).
Marques; Portelli	2019	descrever as percepções de gestantes diante da situação de gestação tardia, assim como compreender a decisão pelo adiamento da gravidez	A maioria das participantes apresentou faixa etária de 35 a 39 anos, em sua maioria casadas (81.25 %) sentiu-se bem e feliz durante a gravidez (81.25%), não houve intercorrências (81.25 %), participaram de todas as consultas de pré-natal (100 %), em (37.5 %) das entrevistadas a gravidez não foi planejada e (75 %) houve a necessidade de adequação das atividades de rotina com o nascimento do filho.
Silva <i>et al.</i>	2019	Analisar as características sociodemográficas e as intercorrências ocorridas com gestantes em Pré-natal de Alto risco em um município situado no nordeste brasileiro.	Averiguou-se que a maioria das gestantes (67,4%) está na faixa etária entre 25 e maior ou igual a 36 anos; 67,3%. As principais intercorrências identificadas foram: hipertensão arterial/DHEG (16,8%) abortamento habitual (11,6%), idade superior a 35 anos (10,5%) ou inferior a 15 anos (9,5%). Foi percebido que 91 (95,8%) das gestantes tiveram acompanhamento com enfermeiro, 67 (70,5%) com médico e 38 (40%) com médico ultrassonografista.
Sousa	2019	Avaliar o contexto epidemiológico do Centro Materno-Infantil do Norte Dr. Albino Aroso, relativamente à incidência de gestações em idade ≥ 35 anos e média de idade materna, nos últimos 10 anos, bem como realizar uma revisão bibliográfica relativa às complicações materno-fetais mais frequentes e implicações da idade materna na sua incidência e abordagem clínica.	Foi verificado um aumento do número de gestações tardias e da média de idade materna a nível da população abrangida pela instituição avaliada, que apresentou, em 2017, 33,7% de gestações tardias e uma média de idade materna de 31,9 anos (contrastando com os 17,8% e 29,3 anos verificados em 2008). Com a avaliação da literatura disponível, constatou-se um aumento proporcional da incidência das várias complicações gestacionais avaliadas com a idade materna, sobretudo acima dos 40-45 anos, bem como a possibilidade de implicação na sua abordagem clínica. Posto isto, a idade materna avançada deverá ser encarada como um fator de risco para estas complicações, quer pelas alterações fisiológicas inerentes ao envelhecimento quer pelas comorbilidades que lhe estão frequentemente subjacentes.

A presente revisão integrativa analisou a prevalência e as principais complicações obstétricas associadas à gravidez em mulheres com idade materna avançada, considerando o aumento progressivo

de gestações em mulheres acima de 35 anos. Os dados extraídos dos estudos indicam um risco significativamente maior de complicações obstétricas e perinatais. As complicações mais frequentemente observadas incluem hipertensão gestacional, Diabetes mellitus gestacional, pré-eclâmpsia, partos prematuros, cesarianas, além de uma alta taxa de morbidade e mortalidade neonatal.

Carvalho et al. (2024) e Kalil et al. (2024) destacam que mulheres acima de 35 anos apresentam maior risco de desenvolver hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, pré-eclâmpsia e uma incidência aumentada de partos prematuros e cesarianas. Esses achados são corroborados por Tibes-Cherman et al. (2021), que documentaram que, em um grande número de partos tardios, a maioria foi realizada por cesariana, com alta prevalência de prematuridade e baixo peso ao nascer.

A hipertensão gestacional foi uma das complicações mais prevalentes observadas nos estudos revisados. Kalil et al. (2024) destacam que, em uma amostra de mulheres com idade superior a 35 anos, cerca de 24% desenvolveram hipertensão gestacional, corroborando estudos anteriores, como o de Tibes-Cherman et al. (2021), que relataram uma prevalência de hipertensão de 22,6%. Essas mulheres apresentaram maior propensão a evoluir para pré-eclâmpsia, o que aumenta significativamente o risco de desfechos adversos para a saúde da mãe e do feto, incluindo partos prematuros e cesarianas. Além disso, Bruno Neto et al. (2023) relatam que a pré-eclâmpsia é uma complicação comum, que muitas vezes surge de forma silenciosa, agravando-se no puerpério. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são cruciais para mitigar os riscos associados a essa condição.

A Diabetes mellitus gestacional foi identificada como uma condição altamente prevalente, afetando de 18% a 25% das gestantes em idade avançada, como reportado por Marinho et al. (2023) e Kalil et al. (2024). A diabetes gestacional está associada a complicações como macrossomia fetal, aumento da taxa de cesáreas e dificuldades respiratórias neonatais, contribuindo diretamente para a elevação das taxas de morbidade perinatal.

As complicações neonatais também foram amplamente relatadas nos estudos. A taxa de mortalidade perinatal também foi consideravelmente mais alta em mulheres com idade materna avançada, variando entre 4,5% e 6% nos estudos revisados (Tibes-Cherman et al., 2021). A mortalidade neonatal foi frequentemente associada à prematuridade e às complicações decorrentes da hipertensão gestacional e da diabetes, com necessidade de internação em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN).

Os partos prematuros constituem uma das complicações mais frequentes em gestações tardias. Silveira et al. (2023) relataram uma taxa de prematuridade de 15,8% em gestantes com idade materna avançada, o que foi corroborado por Matos et al. (2021), que registraram taxas de até 18% entre essas gestantes. A prematuridade está diretamente relacionada a complicações neonatais graves, incluindo distúrbios respiratórios, problemas metabólicos e infecções, que podem aumentar o tempo de

internação do recém-nascido e a taxa de mortalidade neonatal. Além disso, as cesáreas foram amplamente praticadas em mulheres com idade materna avançada, com taxas variando entre 60% e 70%, como relatado por Tavares et al. (2022).

A relação entre a idade materna avançada e o aumento do risco de complicações genéticas foi amplamente discutida. Gomes e Domingueti (2021), documentam que a gravidez tardia está frequentemente associada à macrosomia fetal e ao desenvolvimento de complicações como hipertensão e diabetes.

Além disso, Sousa (2019) revelou um aumento proporcional nas complicações gestacionais à medida que a idade materna aumenta, particularmente em gestantes acima dos 40 anos. Essas complicações incluem maior probabilidade de indução do parto, restrição de crescimento intrauterino e mortalidade perinatal.

Além das complicações físicas, os estudos também abordaram os impactos psicossociais da gravidez tardia. Mulheres com idade avançada relataram maiores níveis de ansiedade, preocupação e estresse, principalmente em relação aos riscos associados à saúde do bebê e às complicações médicas esperadas (Oliveira et al., 2020; Tavares et al., 2022).

Esses fatores podem afetar negativamente a qualidade de vida durante a gestação, aumentando os níveis de estresse e contribuindo para complicações adicionais, como a depressão pós-parto. A necessidade de suporte emocional especializado para essas mulheres é evidente, e o papel do enfermeiro nesse contexto vai além do cuidado físico, englobando também o apoio emocional, a escuta ativa e o acompanhamento psicossocial, o que pode minimizar os efeitos do estresse durante a gestação (Tavares et al., 2022; Marinho et al., 2023).

A gravidez tardia, embora muitas vezes planejada e desejada, traz consigo o desafio de lidar com as expectativas sociais e os preconceitos relacionados à idade materna, o que pode intensificar o estresse emocional durante o período gestacional (Martins & Menezes, 2022). A decisão de adiar a maternidade está muitas vezes associada a fatores socioeconômicos e culturais, como o desejo de alcançar estabilidade profissional e acadêmica antes de ter filhos. Fortuna et al. (2022) observaram que 72,6% das mulheres que adiaram a gravidez o fizeram para investir em suas carreiras. No entanto, esse adiamento traz implicações tanto para a saúde física quanto emocional das mulheres, conforme destacado por Oliveira, Araújo e Ribeiro (2020), que apontam para o distress emocional e os julgamentos sociais enfrentados por essas gestantes.

O estudo de Tavares et al. (2022) destaca que, embora muitas mulheres relatem satisfação pessoal ao engravidar após os 35 anos, há também sentimentos de ansiedade e preocupação em relação aos riscos aumentados para a saúde do bebê. Marques & Portelli (2019) relataram que muitas mulheres precisam ajustar suas rotinas e enfrentar desafios emocionais e físicos adicionais ao lidar com uma gestação tardia.

Os resultados apontam para a importância crucial do acompanhamento pré-natal rigoroso e especializado para mulheres com idade materna avançada. Estudos como o de Silva et al. (2019) e Fernandes et al. (2020) destacam que o pré-natal precoce, com monitoramento contínuo de condições como hipertensão e diabetes, pode reduzir significativamente os riscos de complicações obstétricas e perinatais. Adicionalmente, Silveira et al. (2023) enfatiza que o pré-natal deve incluir monitoramento rigoroso da pressão arterial, glicemia e crescimento fetal, de modo a detectar e prevenir complicações graves. Fernandes et al. (2020) reforçam que um pré-natal adaptado pode reduzir as complicações obstétricas mais frequentes, como hipertensão e diabetes gestacional.

Além disso, políticas públicas voltadas para a ampliação do acesso a cuidados pré-natais especializados, especialmente em regiões de baixa renda, são essenciais para garantir o bem-estar materno e neonatal. A conscientização sobre os riscos da gravidez em idade avançada deve ser uma prioridade nas políticas de saúde pública, com a inclusão de programas de educação para gestantes e profissionais de saúde. A necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso ao pré-natal especializado também foi levantada por Carvalho et al. (2024), que destacaram que muitas mulheres não recebem o acompanhamento adequado, aumentando o risco de complicações tanto para a mãe quanto para o feto.

Alguns estudos relataram casos específicos de complicações gestacionais em mulheres com idade avançada, como o estudo de Bruno Neto et al. (2023), que descreveu um caso de pré-eclâmpsia tardia e sua evolução no pós-parto. Esses estudos de caso ressaltam a complexidade do manejo clínico em situações de alto risco, especialmente quando as complicações se manifestam de forma silenciosa.

Por outro lado, o estudo de Aldrighi et al. (2021) analisou 1.336 prontuários e identificou uma relação direta entre a idade materna e a incidência de complicações como hipertensão pré-gestacional e pré-eclâmpsia, destacando a necessidade de atenção especial para gestantes acima dos 40 anos, que apresentaram maior probabilidade de desenvolver essas complicações.

O papel do profissional de enfermagem é central nesse processo. Conforme destacado por Tavares et al. (2022), os enfermeiros são responsáveis por identificar precocemente sinais de complicações gestacionais, orientar as gestantes sobre os cuidados necessários e garantir o acesso aos exames e intervenções adequadas. O acompanhamento emocional e o suporte psicossocial oferecidos por esses profissionais também são fundamentais para promover o bem-estar das gestantes, minimizando o impacto dos fatores emocionais negativos durante a gravidez.

4 DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão integrativa trazem à luz um cenário preocupante sobre os riscos aumentados da gravidez em idade materna avançada. O fato de mulheres acima de 35 anos apresentarem uma incidência significativamente maior de complicações obstétricas e perinatais reflete

as mudanças fisiológicas associadas ao envelhecimento, como a redução da elasticidade vascular e a resistência aumentada à insulina, que contribuem diretamente para o desenvolvimento de condições como a hipertensão gestacional e a diabetes mellitus gestacional (Kalil et al., 2024; Tibes-Cherman et al., 2021). Esses achados estão de acordo com pesquisas anteriores que indicam que mulheres com idade materna avançada têm risco aumentado para complicações médicas, quando comparadas com gestantes mais jovens (Albertine; Pereira, 2019; Matos et al., 2021).

A comparação com outros estudos realizados em diferentes regiões e populações revela padrões semelhantes. Por exemplo, estudos internacionais conduzidos nos Estados Unidos e na Europa também relataram que a gravidez em mulheres com mais de 35 anos está associada a um aumento no risco de complicações como hipertensão, diabetes gestacional e parto prematuro (Heffner, 2004; Huang et al., 2008). Esses estudos observaram que, entre 1980 e 2000, houve um aumento de 36% no número de nascimentos entre mulheres de 35 a 39 anos, e um aumento de 70% entre mulheres de 40 a 44 anos, confirmando a tendência global de adiamento da maternidade e seus impactos sobre a saúde materna (Martins; Menezes, 2022). No Brasil, essa tendência também foi identificada por Fernandes et al. (2020), que observaram um aumento considerável de gestações tardias nas regiões Sul e Sudeste, refletindo a busca das mulheres por estabilidade financeira e profissional antes de engravidar.

Os achados desta revisão reforçam esses padrões e destacam a necessidade de intervenções específicas para mitigar os riscos associados à gravidez tardia. A prevalência de hipertensão gestacional observada, que atingiu cerca de 24% das gestantes analisadas (Kalil et al., 2024; Tibes-Cherman et al., 2021), está alinhada com estudos internacionais que indicam que mulheres com mais de 35 anos têm duas vezes mais chances de desenvolver hipertensão gestacional do que as gestantes mais jovens (Heffner, 2004). A hipertensão gestacional, combinada com a diabetes mellitus gestacional, aumenta o risco de pré-eclâmpsia e eclâmpsia, condições que podem resultar em complicações graves, como insuficiência placentária, parto prematuro e morte materna ou fetal (Marinho et al., 2023).

Observou-se que o acompanhamento pré-natal especializado é essencial para reduzir os riscos de complicações. Mulheres com idade materna avançada requerem monitoramento rigoroso de pressão arterial, glicemia e crescimento fetal, além de uma abordagem multidisciplinar que envolva médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde (Silva et al., 2019). A detecção precoce de condições como hipertensão e diabetes gestacional pode levar a intervenções adequadas, como a administração de medicamentos antihipertensivos ou insulina, que reduzem as chances de complicações graves (Tavares et al., 2022). Este ponto é corroborado por estudos como o de Fernandes et al. (2020), que ressaltam que a assistência pré-natal de alta qualidade, associada ao uso de exames de triagem e testes diagnósticos precisos, tem o potencial de minimizar desfechos negativos.

Outro aspecto importante revelado pelos resultados é a alta taxa de cesarianas em mulheres com idade materna avançada, que chegou a 62% nos estudos revisados (Tavares et al., 2022). Embora a cesariana seja, muitas vezes, uma escolha para reduzir os riscos do trabalho de parto natural em mulheres com complicações, como pré-eclâmpsia ou macrosomia fetal, o uso excessivo de cesarianas pode acarretar seus próprios riscos, como maior probabilidade de infecções e complicações respiratórias neonatais (Albertine; Pereira, 2019). Este ponto levanta a necessidade de se equilibrar o uso da cesariana com as melhores práticas obstétricas, evitando intervenções desnecessárias que possam aumentar os riscos tanto para a mãe quanto para o recém-nascido.

A gravidez é um processo natural que, em circunstâncias ideais, transcorre sem maiores complicações. No entanto, algumas gestantes estão sujeitas a condições que tornam o período gestacional mais suscetível a riscos, configurando-as como gestantes de alto risco. Esses riscos podem advir de fatores relacionados à saúde da mãe, condições pré-existentes, idade materna avançada, complicações obstétricas anteriores e outros fatores psicossociais. Diante disso, a atenção à saúde dessas mulheres deve ser pautada por políticas públicas que assegurem um cuidado integral, visando à redução da morbimortalidade materna e fetal.

Diante dos resultados, é possível afirmar que as políticas públicas voltadas para a atenção à saúde da mulher devem incorporar programas específicos para o acompanhamento de gestações em idade materna avançada. A criação de centros de referência para gestantes de alto risco, a formação continuada de profissionais de saúde e a ampliação do acesso ao pré-natal são medidas essenciais para melhorar os desfechos gestacionais nesse grupo populacional. Além disso, campanhas educativas que incentivem a conscientização sobre os riscos da gravidez tardia podem contribuir para que as mulheres tomem decisões informadas sobre o momento mais apropriado para engravidar, considerando sua saúde geral e fatores de risco associados à idade (Fernandes et al., 2020).

No Brasil, o Ministério da Saúde vem implementando ações para garantir uma assistência qualificada a gestantes de alto risco por meio de políticas públicas, como o Programa de Humanização do Parto e Nascimento (PHPN), a Rede Cegonha e o Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade na Atenção Básica (PMAQ-AB) (Mortelaro et al., 2024). Essas iniciativas têm como objetivo centralizar o cuidado integral, promovendo a atenção à saúde desde o pré-natal até o puerpério, com uma abordagem multidisciplinar e integrada.

Embora o Brasil tenha avançado consideravelmente na estruturação de políticas voltadas ao cuidado integral de gestantes de alto risco, alguns desafios ainda persistem. De acordo com Silveira et al. (2023), a desigualdade no acesso aos serviços de saúde, especialmente em regiões remotas, e a escassez de profissionais capacitados em algumas áreas ainda dificultam a plena efetivação das políticas públicas. A ampliação de programas como o PMAQ-AB, que monitora a qualidade da atenção

básica, e a capacitação contínua dos profissionais de saúde são fundamentais para a melhoria desse cenário.

Um avanço significativo é a utilização crescente de tecnologias de comunicação para monitoramento remoto de gestantes de alto risco. O uso de aplicativos e sistemas de telemedicina tem permitido o acompanhamento mais próximo e constante dessas mulheres, especialmente em áreas de difícil acesso. Essas inovações tecnológicas, aliadas às políticas de saúde pública, têm o potencial de melhorar os resultados maternos e perinatais no Brasil.

A gravidez em idade materna avançada, embora seja uma escolha pessoal e muitas vezes vinculada a fatores socioeconômicos e culturais, exige uma atenção especial por parte dos profissionais de saúde. O aumento dos riscos observados nesta revisão reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, com um pré-natal intensivo e adaptado às particularidades de cada gestante. Nesse sentido, faz-se importante o suporte emocional e psicossocial como parte integrante do cuidado pré-natal, e políticas públicas que promovam o acesso universal a esses serviços são fundamentais para reduzir as complicações materno-fetais associadas à idade avançada. As evidências sugerem que uma abordagem preventiva, focada no diagnóstico precoce e na intervenção imediata, pode melhorar significativamente os resultados gestacionais para mulheres com mais de 35 anos.

A revisão integrativa realizada evidencia que a gravidez em idade materna avançada, caracterizada por gestantes com 35 anos ou mais, apresenta riscos obstétricos e perinatais significativamente maiores em comparação com gestações de mulheres mais jovens. As complicações mais frequentes incluem hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, pré-eclâmpsia, partos prematuros e cesarianas, além de uma maior prevalência de complicações neonatais, como prematuridade, macrossomia fetal e mortalidade perinatal. Esses achados destacam a necessidade de um acompanhamento pré-natal rigoroso e especializado, que seja capaz de detectar e tratar precocemente essas complicações, minimizando os riscos tanto para a mãe quanto para o feto (Kalil et al., 2024; Marinho et al., 2023).

Do ponto de vista clínico, torna-se essencial que as políticas públicas de saúde ampliem o acesso ao pré-natal especializado, principalmente em regiões mais vulneráveis, garantindo que mulheres com idade avançada recebam o suporte adequado. A conscientização sobre os riscos da gravidez tardia deve ser parte de campanhas educativas voltadas para a saúde da mulher, permitindo que elas façam escolhas informadas e recebam os cuidados apropriados desde o início da gestação (Fernandes et al., 2020; Silva et al., 2019).

Além disso, é fundamental reconhecer o impacto psicossocial dessas gestações, uma vez que as mulheres nessa faixa etária frequentemente enfrentam maiores níveis de ansiedade e estresse, o que pode afetar sua saúde mental e física. O papel dos profissionais de enfermagem e de outros profissionais da saúde na oferta de suporte emocional e na promoção de uma abordagem



multidisciplinar é indispensável para assegurar o bem-estar integral dessas gestantes (Oliveira et al., 2020; Tavares et al., 2022).

Uma reflexão sobre as limitações metodológicas desta revisão integrativa aponta para alguns aspectos que poderiam ter impacto nos resultados. Primeiramente, a seleção das bases de dados pode ter limitado o acesso a uma gama mais ampla de estudos, especialmente aqueles publicados em periódicos menores ou não indexados nas plataformas selecionadas, o que poderia trazer mais diversidade aos achados. Dependendo das bases escolhidas, alguns estudos relevantes podem ter sido excluídos, introduzindo um viés de seleção.

Além disso, o viés de publicação deve ser considerado, pois estudos com resultados positivos ou significativos tendem a ser mais frequentemente publicados, enquanto pesquisas com resultados nulos ou negativos podem ser subnotificadas, criando uma visão parcial dos riscos e complicações. O reconhecimento dessas limitações aponta para a necessidade de maior rigor metodológico em revisões futuras, incluindo o uso de estratégias que abarquem uma gama mais ampla de fontes e a inclusão de estudos não publicados ou de difícil acesso para fornecer uma visão mais equilibrada e completa.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que, embora a gravidez em idade materna avançada esteja relacionada a maior incidência de complicações, ela é uma realidade cada vez mais presente na sociedade contemporânea, os riscos associados podem ser gerenciados e minimizados com o devido cuidado pré-natal e políticas públicas adequadas. A adoção de estratégias preventivas, a oferta de suporte psicológico e a atuação integrada de uma equipe de saúde capacitada são medidas cruciais para garantir desfechos mais positivos para mães e bebês nessa condição.



REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, Juliane Dias; RIBEIRO, Suelen da Silva; CHEMIM, Andressa Kachel; WALL, Marilene Loewen; ZUGE, Samuel Spiegelberg; PILER, Adriana Aparecida. Ocorrência de complicações no período gestacional em mulheres com idade materna avançada / Aparición de complicaciones en el período gestacional en mujeres en edad materna avanzada / Occurrence of complications in the gestational period in women of advanced maternal age. *Rev. Baiana Enferm. (Online)*; v.35, n. e43083, p.1-11, 2021. Disponível em: <https://www.revenf.bvs.br/pdf/rbaen/v35/1984-0446-rbaen-35-e43083.pdf>. Acesso em 16 out. 2024.

BARBOZA, Breno de P.; CALIL, Camila; TRIGO, Isabella G. P. F.; ELLER, Jhony X.; SILVA, Lara R.; VAZ, Milla R. Idade materna avançada e seus desfechos. *Cadernos de Medicina*, v. 2, n. 3, 2023.

BRITO NETO, Raimundo Marcial de; RAMOS, Alex Pereira; ZAMAIS, Laíse Neves; CARVALHO, Taynara Antunes de; SOUZA, Maria Cristina Almeida de; CÔRTEZ JÚNIOR, João Carlos de Souza. Pré-eclâmpsia em período puerperal: relato de caso. *Medicina (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, Brasil, v. 53, n. 1, p. 43–48, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v53i1p43-48. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/155458>. Acesso em: 24 out. 2024.

CARVALHO, Maria Eduarda Maffessoni; ALMEIDA, Rafaela Lara Barbosa Mota de; SILVA, Juliana Lilis da; AMÂNCIO, Natália de Fátima Gonçalves. Os riscos oferecidos à gestante e ao feto devido a idade materna avançada. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 2, 2024.

FERNANDES, Ana Júlia Lemos et al. Gravidez tardia: riscos e consequências. *Revista Educação em Saúde*, v. 8, supl. 1, 2020.

FORTUNA, Isabella Pereira et al. Adiamento da gravidez: relação com fatores socioeconômicos e culturais. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 3, p. 22094-22109, 2022.

HEFFNER, Linda J. Advanced maternal age—How old is too old? *New England Journal of Medicine*, v. 351, n. 19, p. 1927-1929, 2004.

HUANG, Jin et al. Risk factors for pregnancy complications in advanced maternal age. *Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine*, v. 21, n. 7, p. 529-533, 2008.

GOMES, Júlia C. O.; DOMINGUETI, Caroline Pereira. Fatores de risco da gravidez tardia. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, v. 3, n. 4, 2021.

GOZZO, Débora. Planejamento familiar e maternidade tardia no Brasil: gestação de alto risco a partir dos 35 anos. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, Brasília, v. 12, p. 1, p. 69-80, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/60786#collapseExample>. Acesso em: 24 out. 2024.

KALIL, Graziella Karoline Miguel De Oliveira Godinho et al. Impacto da idade materna avançada na gravidez e no parto. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 9, p. 3172-3187, 2024.

MARINHO, Maria Elena Nobre Soares et al. Fatores de risco para diabetes gestacional: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2023.



MARQUES, Lorryanne Cristynne Silva; PONTELLI, Bartira Palin Bortolan. Gravidez tardia: percepção de mulheres acompanhadas pelas estratégias de família no interior de Minas Gerais. *Revista Enfermagem em Evidência*, Bebedouro SP, 3 (1): 57-73, 2019. p.57-73.

MATOS, Erika Marques De; MACIEL, Maria Clara Lira; OLIVEIRA, Rita De Cassia Cordeiro De; Jeferson Barbosa SILVA, HOUNKPE, Verdande Trotskaya De Araújo M. *Revista Multidisciplinar em Saúde* ISSN: 2675-8008. v. 4, n.4, 2023. p.

MORTELARO, Priscila Kiselar; CIRELLI, Jessica Fernandes; NARCHI, Nadia Zanon; CAMPOS, Edemilson Antunes de. Da Rede Cegonha à Rami: tensões entre paradigmas de atenção ao ciclo gravídico-puerperal. *Saúde debate*. v.48, n.140, Jan-Mar 2024. <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408152P>.

OLIVEIRA, Sara; ARAÚJO, Lia; RIBEIRO, Oscar. Gravidez tardia no último filho e o seu impacto em trajetórias desenvolvimentais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 72, n. 2, p. 75-87, 2020.

SILVA, Joyce Driely Carvalho et al. Pré-natal de alto risco: dados sociodemográficos e intercorrências durante a gravidez. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 23, e451, 2019.

SILVEIRA, Meire Raquel Paiva Vasconcelos et al. Fatores de risco e complicações da gestação de alto risco: uma revisão de literatura. *Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar*, 2023.

SILVEIRA, Meire Raquel Paiva Vasconcelos Da; SILVA, Aiane Maria da; ROCHA, Cláudia Pereira; ELIAS, Ana Rosa Ribeiro; PERES BRANDÃO, Thays. FATORES DE RISCO E COMPLICAÇÕES DA GESTAÇÃO DE ALTO RISCO: UMA REVISÃO DE LITERATURA. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218*, [S. l.], v. 4, n. 9, p. e493901, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i9.3901. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3901>. Acesso em: 24 out. 2024.

TAVARES, Maria Érica Leite; FREITAS, Adrielly Moura Sousa de; DAVIM, Rejane Marie Barbosa; LIMA, Thoyama Nadja Félix de Alencar; CALDAS, Mona Lisa Lopes dos Santos; OLIVEIRA, Luciana Ferreira Monteiro e. Experiências de mulheres ao vivenciarem uma gravidez entre 35 e 45 anos de idade. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*; v.13, p.1480-1485, jan.-dez. 2021.

ALBERTINI, Danielle Teixeira; PEREIRA, Emily Soares. Gravidez tardia: complicações e dificuldades. (Monografia) - Faculdade de Sete Lagoas - FACSETE, p.1-12. Disponível em: accessed October 24, 2024, <https://faculdadefacsete.edu.br/monografia/items/show/2308>. Acesso em 24 out. 2024.

TIBES-CHERMAN, Chris Mayara; CAMARGO, Carla Regina Moreira; FLORES, Lucinar Jupir Forner; SOBRINHO, Reinaldo Antonio Silva; SILVA, Rosane Meire Munhak da; ZILLY, Adriana. Perfil clínico da gestação tardia em um município brasileiro de fronteira. v.12, n. 2, p.223-9. 2021. DOI: 10.21675/2357-707X..v12. n.2. p.223-229, 2021